

**ENSAIO SOBRE MODA E ESTÉTICA NA CONCEPÇÃO DE MUNDO COMO
CRIAÇÃO**

**ESSAY ABOUT FASHION AND AESTHETIC IN CONCEPTION OF THE WORLD
AS CREATION**

Ana Fabíola Pedrosa de Vasconcelos¹

Antonio Takao Kanamaru²

Resumo

O presente estudo demonstra a importância conceitual da moda e da estética na perspectiva da criação. Para tal, aborda-se a moda na concepção de mundo a partir da arte e cultura de um povo. O filósofo Nietzsche aponta magistralmente a relação do drama de Ésquilo na concepção estética, e tal relação inspira uma possível visão atual do criador sob a ótica estética da própria tragédia grega.

Palavras-chave: moda, criação, cultura, estética.

Abstract

The present study demonstrates the conceptual importance of fashion and aesthetics from the perspective of creation. For such approaches to fashion design world from the art and culture of a people. The philosopher Nietzsche masterfully points out the relationship drama of Aeschylus in the aesthetic conception of Greek culture, and this relationship inspires a possible current view from the perspective of the creator of Greek tragedy own aesthetic.

Key words: fashion, creation, culture, aesthetics.

¹ Mestranda no curso de pós-graduação Têxtil e Moda; subárea Projeto - PPGTM-EACH/USP.

² Professor-doutor, orientador credenciado em Têxtil e Moda; subárea Projeto PPGTM-EACH/USP.

Introdução

A moda, além de ser um sistema que acompanha mudanças econômicas, sociais e progressos tecnológicos, é vista sob o viés da arte e da cultura, na qual há muito a dizer de um povo. Desde o século XIX sob o impulso de diversos pintores, escritores e historiadores, se teve acesso a um acervo de informação. Na contemporaneidade pode-se estudá-la a partir de várias perspectivas, a saber, por meio de escritores como August Schlegel, Baudelaire e filósofos como Friedrich Nietzsche. Daí a moda passa a ser abordada por um viés mais intelectual, passa a ser o objeto de estudo de muitas áreas de conhecimento, no caso da estética, da filosofia e da arte.

No presente estudo, ousa-se fundir a moda com a estética sob a forma da experiência como criação e cultura. Para tal, percorrem-se caminhos do ensaio sobre a arte do escritor August Schlegel (1767 – 1845), que incursionou pela moda, e o próprio filósofo Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) que citou a importância do *pregueado livre* no drama de Ésquilo em sua obra *A visão dionisíaca do mundo*.

Nietzsche, conhecido por alguns estudiosos como o filósofo da cultura, ajuda a abrir o horizonte de uma visão estética nova em termos da importância e imaterialidade da vestimenta. Contudo, antes de adentrar em Nietzsche, é importante citar alguns conceitos de moda e estética.

Moda e estética

Nos dias atuais, a moda não comunica uma mensagem - ela é a mensagem. "É menos uma questão de código semântico que de efeito estético" (SVENDSEN, 2010, p.83).

A moda não se distancia de uma cena cotidiana, também está em conformidade com a arte como é inserida contemporaneamente em exposições como

no *Victoria and Albert Museum*³, por exemplo. O belo em si e o gosto são questões presentes no meio na moda, assim como afirmou Baudelaire:

"O belo é constituído por um elemento eterno, invariável, cuja quantidade é excessivamente difícil determinar, e de um elemento relativo, circunstancial, que será, se quisermos, sucessiva ou combinadamente, a época, a moda, a moral, a paixão." (BAUDELAIRE, 1996, p.10)

Segundo o dicionário *Le Petit Larousse*, estética é o conjunto de princípios na base de uma expressão artística, literária, etc., que visa a concepção de objetos segundo critérios de beleza, de impacto visual, assim como de uso.

Pode-se dizer que a moda é a própria poesia como expressão estética da modernidade. Para o artista, pintor, literário ou até mesmo o *homem do mundo* observar cenas do cotidiano da modernidade é o mesmo o que o *flâneur*⁴ ele mesmo faz por excelência.

Mas o que falta nos dias de hoje aos jovens criadores? Falta utilizar o olhar, o poder de ver, falta a presença inerente do homem no mundo que é a própria experiência estética por natureza. Assim, segundo Baudelaire (1996, p.24), "trata-se, para ele, de tirar da moda o que esta pode conter de poético no histórico, de extrair o eterno do transitório".

Para falar de moda e estética recorre-se à Doutrina da Arte do poeta e crítico August Schlegel (1767-1845), uma vez que o mesmo discorreu sobre vários temas da arte e da cultura. Segundo Schlegel (2009), os alemães foram os primeiros a usar a palavra *estética* para designar o que os outros denominaram crítica de gosto, ademais, a palavra *estética* revela notoriamente um desconhecimento igualmente completo da coisa designada e da língua que a designa. Schlegel (2009) afirma em sua "Doutrina da Arte" que Kant (1724-1804) estabeleceu a intuição ao seu direito,

³ Spectres, When Fashion Turns Back, Judith Clark, exposição em Londres no Victoria and Albert museum. 2004

⁴ Tal termo utilizado no presente estudo é desenvolvido pelo francês Charles Baudelaire que quer dizer "o homem que experimenta a cidade".

e pela primeira vez empregou a denominação *estética* em seu verdadeiro sentido ao denominar de *estética transcendental* a seção da crítica da razão para que trate do universal, do necessário e do em si mesmo consciente nas percepções sensíveis.

A estética só surgiu no século XVIII na era do racionalismo, a etimologia e significado da palavra em sentido próprio, segundo Baumgarten⁵: a doutrina das percepções sensíveis (SCHLEGEL, 2009).

Primeiramente, é muito usual relacionar o conceito de gosto ao de moda. Segundo o poeta Schlegel (2009, p. 30), ter muito gosto muitas vezes nada mais significa do que estar na moda. Para o alemão, moda é paródia [*afterbild*] e a caricatura do gosto público. O que o poeta quis dizer é que o gosto está assentado mais numa concordância por meio da opinião de um determinado povo. Schlegel se referiu ao conceito 'moda' como algo frívolo, entretanto, nele residindo exigências que apontam para algo mais elevado. Para o poeta, é inegável que a moda tem um domínio sobre as artes, afirmando que os músicos, os pintores e os próprios poetas estão e vem da moda, ou seja, que a moda não se restringe meramente ao adorno da vida em sociedade:

"Em primeiro lugar, é evidente que a moda atua naquilo que ultrapassa o útil, a mera necessidade e, portanto, reivindica a beleza: um vestido, a decoração de residências, de acessórios, a organização de encontros sociais etc." (SCHLEGEL, 2009, p.30).

Portanto, para Schlegel (2009), a moda faz o julgamento sobre o belo depender de condições temporais. O que é mais importante na perspectiva de Schlegel no que concerne à moda é a importância da mutabilidade para que o pensamento humano não permaneça estagnado.

Numa concepção estética em Nietzsche, o filósofo trágico, a relação que se tem com o mundo é o que definiria o momento estético. O belo é o primeiro problema

⁵ Baumgarten⁵ (1767-1845) foi o primeiro a falar de um conhecimento sensível enquanto disciplina filosófica.

estético a ser abordado na filosofia. Para Platão (428/427 a.C – 348/347 a.C), o *belo* e o *bom* são inerentes ao homem, enquanto que, para Kant (1724-1804) o belo era símbolo da moralidade, para Hegel (1770 – 1831) o Belo é a própria verdade encarnada de forma sensível, como um objeto absoluto da consciência. Para Gadamer⁶ (1900-2002), encontra-se algo que se refere à própria criação ou enunciado artístico onde a consciência estética se reporta ao fato de a obra de arte comunicar a si mesma, ou seja, tornar comum um discurso visual para o discurso linguístico.

Para o filósofo Nietzsche longe de ser um método pode-se dizer que a raiz da estética não está na concepção de um modelo exterior ao ser criador, ou seja, que o espírito seja ele mesmo o condutor que governa imperiosamente esse projeto estético: não existe separação entre o criador e a obra.

ESTÉTICA NIETZSCHIANA

Em sua obra *O nascimento da Tragédia*, Nietzsche começa abordando o termo [*anschauung*]⁷ para o entendimento estético. Na língua portuguesa, foi utilizado um neologismo pelo tradutor J. Guinsburg (“*introvisão*”), uma vez que o autor achou que a tradução do termo para “intuição” perderia a força do seu verdadeiro significado em alemão:

“Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos apenas à inteligência lógica mas à certeza imediata da *introvisão* [*anschauung*] de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco, da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações” (NIETZSCHE, 2007, p. 24).

⁶ Gadamer (1900-2002) um importante estudioso da hermenêutica filosófica.

⁷ Em busca por traduções, encontrou-se na língua inglesa, francesa certas particularidades: no inglês foi traduzida por Ronald Speirs como apreensão direta (directly apprehended), na língua francesa pelo tradutor Michel Haar, Philippe Lacoue e Jean-LUC Nancy como ‘certeza intuitiva’ (certitude intuitive).

É importante dar significado a tal termo porque o filósofo afirma a sua importância na estética no início de sua obra de juventude.

Introvisão poderia ser descrito como um estado de aceitação, tanto o *claro* como o *escuro*, o *bom* e o *mau*, sem valorização moral. Em tal *estado de abertura* não haveria dualidade entre o homem e o mundo, beleza e fealdade, o estado estético tal qual como vida se apresenta, "ver sua existência, tal como ela é inelutavelmente, em um espelho transfigurador e proteger-se com esse espelho contra a medusa⁸ -" (NIETZSCHE, 2007, p.)

A beleza estética está na vida como um todo alinhado e vivo; um dizer sim à existência, em harmonia e movimento, movimento esse onde o natural é o entendimento súbito e vigoroso. Na *introvisão* de um espírito elevado, a visão é estendida para o que é mais *sagrado*, mas o termo *sagrado* aqui tem a ver com a não duplicidade entre visão e concepção do objeto: ambos estão unidos e tornam-se abrigo do ser enquanto ser estético. Para tal entendimento é necessário dizer sim à vida, não como uma mera metáfora, mas o mundo livre de crenças no conhecimento fabricado, elaborado, pois isso seria contrário a uma vida plena e estética.

O entendimento imediato não dar espaço para dualidades, vida se faz presente enquanto estado abundante, estado esse de abandono pode ser representado com a ação e mudanças constantes nas quais o momento criativo é submetido. E em tal *estado de abertura*, a morte no sentido de transformação é o estágio da imortalidade do ser enquanto ser estético⁹ Mas o que a imortalidade tem a ver com *introvisão*? Pode-se a dizer que, se *introvisão* é um tipo de abertura e percepção sensível e imediata, a imortalidade encontra-se na permanência e durabilidade de tal estado.

Devido à sua admiração pelos pré-socráticos, Nietzsche (2010) dialoga com a

⁸ *A Medusa era uma das Górgonas, que são também divindades ctônicas, ligadas portanto ao período pré-olímpico ou titânico, e que originalmente eram um ser divino único, com três cabeças, das quais uma era Medusa –Górgona significa "veemente", impetuoso, ardente; (tratando-se do olhar e do aspecto) terrível, assustador".

⁹ Conceito filosófico desenvolvido por André Malraux escritor e diretor francês 1901-1976), onde ele diz que a arte é a única coisa que resiste à morte

ideia de unidade entre o homem e o mundo em sua obra "A Filosofia na época trágica dos gregos". Tales empiricamente afirmou a importância da água como representação da unidade: "Não é o homem, mas a água, a realidade das coisas", ou seja, a experiência viva dos filósofos gregos tem a ver com a *abertura* na qual estar-se mencionando. Quando Tales afirma algo sobre a água, ele não usou conceitos, a essência e origem de sua afirmação estão no processo em si de observação e vivência.

Vê-se mais uma vez que o termo *introvisão* é de suma importância no entendimento estético proposto, pois o enlaçamento da experiência com a teoria é o suprasumo do movimento criador, no caso, o processo criativo, o verdadeiro em si mesmo é condição primordial do ser estético:

"O homem era para eles a verdade e o núcleo das coisas, todo o resto apenas aparência e jogo ilusório. Justamente por isso era tão incrivelmente difícil para eles captar os conceitos: e, ao inverso dos modernos, entre os quais mesmo o mais pessoal se sublima em abstrações, entre eles o mais abstrato sempre confluía de novo em uma pessoa." (PRÉ - SOCRÁTICOS, p. 45)

Com o pensamento de Heráclito, Nietzsche dialoga e compactua com a visão de mundo mais trágica, ou seja, com o estado de abertura do homem enquanto "ser criativo", e tal estado de ser converge com a crítica nietzschiana ao homem erudito, histórico que se deixa levar pela "massa", mas vale salientar que, quando Nietzsche se refere à massa, não está relacionado ao senso pejorativo do termo: a massa para Nietzsche tem a ver com o homem moderno ligado à aparência da industrialização e das ideias modernistas, também está ligado à visão "platônica" de mundo, da dualidade entre o homem e a razão. A visão imediata e real, no sentido de presença, não dialoga com as artimanhas de um "supramundo"¹⁰ da modernidade, porque Nietzsche aborda a modernidade como sendo esse mundo ilusório e metafísico. "Heráclito é o homem estético" (BENCHIMOL, 2003, p. 50), isso quer dizer a

¹⁰ Supramundo, além do mundo

veracidade do seu filosofar na experiência e contemplar a existência como fazendo parte de si mesmo, e "... seu gênio artístico e filosófico lhe permitiu contemplar o mundo como apenas o artista contempla sua obra..." (BENCHIMOL, 2003, p. 50).

Mas a visão nietzschiana da arte como estética na sua obra de juventude também é metafísica. Em sua obra *O nascimento da tragédia*, ele ainda não vislumbrava o *além do homem (Übermensch)*, o homem além de si mesmo¹¹, daí a importância e contribuição da estética nietzschiana no imaginário criativo, pois em sua crítica niilista a Schopenhauer, Nietzsche recorre à criação como força e vontade de poder, onde ele defende que toda criação artística e o sujeitar-se às crenças e morais estão relativamente separados do estilo. Estilo e estética estão aí intrinsecamente presentes como processo de vida como um todo: "- Pois só como fenômeno estético podem a existência e o mundo justificar-se eternamente" (NIETZSCHE, 2007, p. 44).

O fenômeno estético é justificado enquanto eterno processo, daí o "estilo" entra em questão por meio do imaginário estético nietzschiano onde a força que reverbera é aquela do sujeito enquanto ser estético, artístico como um mundo ideal.

A *introvisão* sugerida por Nietzsche seria a harmonia inerente ao estado de *embriaguez estética*, estado esse em consonância com Apolo e Dionísio, onde a arte é o ser artístico, é aquele que está presente no mundo e diz sim à vida, pois, para Nietzsche, *não existe livre arbítrio, vida é afeto e resignação*¹², e o estado de abertura aparece originariamente no ser em equilíbrio e alinhamento de forças internas e externas em harmonia com o seu movimento e a vontade da natureza ao entendimento imediato.

Se *introvisão* é um estado de abertura, a harmonia implícita no presente estado faz-se necessário e remonta à cultura da Grécia antiga, cultura essa que o filósofo alemão resgatou em seu legado como modelo de cultura alemã. O homem grego

¹¹ O além do homem para Nietzsche é o homem alinhado com ele mesmo; não é nada metafísico, nem algo separado, difuso.

¹² Anotações do Curso ministrado pela Prof.Dra Scarlett Marton, Casa do Saber 2009

tinha essa abertura de vida, vivenciava a cultura, não se limitando à sua mera apreensão intelectual, sem esquecer que o filósofo grego Sócrates rompeu com essa forma de unidade entre o homem e a razão¹³. Nietzsche via nos gregos “o seu mais forte instinto, a vontade de poder...” (NIETZSCHE, 2006 p. 103).

Nietzsche demonstrou filosoficamente esse mundo esteticamente no decorrer de sua filosofia a ponto de exprimir seu vislumbre estético ao citar a indumentária como força e representação estética na tragédia grega, apresentando Ésquilo como patrono da estética do ‘pregueado livre’.

ÉSKUÍLO E O “PREGUEADO LIVRE”

Em sua obra *A visão dionisíaca do mundo*, Nietzsche (2005) aponta o drama de Ésquilo (524 a.C) como um grande significado para a indumentária antiga. A elucidação estilística que Nietzsche concedia à indumentária mostra a importância da vestimenta na estética da tragédia grega antiga na concepção do filósofo.

“Ésquilo tem um significado extraordinário para a história da indumentária antiga, porquanto ele introduziu o pregueado livre, a graciosidade, a pompa e o garbo da vestimenta principal, enquanto antes dele os gregos estavam na barbárie e não conheciam o pregueado livre. O drama musical grego foi, para toda a arte antiga, como esse pregueado livre: tudo o que não era livre, tudo o que era isolado nas artes individuais foi superado por ele: em sua festa sacrificial comum são cantados hinos à beleza e, ao mesmo tempo, à ousadia” (NIETZSCHE, 2005, p.69).

Qual a importância do pregueado livre¹⁴ no drama musical no presente escrito? Se Nietzsche citou a beleza e graciosidade estética do ‘pregueado livre’, automaticamente entende-se a importância da plástica da vestimenta como um todo

¹³ Notas do curso ministrado pela Prof. Dra Scarlett Marton na Casa do Saber, 2009.

¹⁴ O pregueado é o detalhe no vestuário composto de pregas. O termo ‘pregueado livre’ usado pelo filósofo Nietzsche seria uma expressão poética que o filósofo utilizou para falar do ‘pregueado’, pois não se encontra nenhum comentário na própria obra nem em comentários de estudiosos sobre a obra “A visão dionisíaca do mundo” (ano).

na concepção da tragédia. Quando o filósofo enfatiza a importância da vestimenta no drama musical, começa também a aparecer o 'costume, aparentemente a estética da vestimenta surge dessa forma na tragédia grega.

Depois do período arcaico, entre os finais do séc. VI e os princípios do séc. V a. C., a lírica dar lugar ao drama, e a tragédia passou a ser um acontecimento público, era a vitrine de manifestação musical, artística como um todo: a vestimenta seria de referência na ação dos personagens e da própria referência de uma possível estética, "a indumentária e a máscara eram o disfarce necessário para o ator; a máscara além de ter a função prática de ampliar a voz, era também uma forma de o ator se "colocar" dentro do personagem" (RICCIARINI, 2006).

O ideal grego na escultura e sua relação direta com a livre espiritualidade e as formas corporais, ou seja, exprimir o espiritual por meio da figura humana, onde a relação está na representação da espiritualidade no rosto, e os outros membros e órgãos só poderiam refletir o espiritual senão pelas atitudes sendo elas ditadas pelo espírito.

O rosto humano apresenta um centro que revela as suas relações espirituais e vivas com as coisas, e tal centro está situado na parte superior do rosto, "na frente, atrás da qual se abriga o pensamento, e nos olhos, através dos quais a alma comunica com o ambiente" (HEGEL, 1993, p.408). Dentro de tal perspectiva, é natural relacionar o aspecto frívolo da vestimenta, embora a ação seja para os gregos o reflexo da espiritualidade, os membros, o torso, pernas, braços que são o suporte da vestimenta aparecem como algo secundário na expressão da espiritualidade na arte grega.

É importante introduzir ao tema algumas características essenciais sobre mitologia, uma vez que a mitologia foi de muita importância no drama musical grego. Para Schlegel (1767-1845), a aproximação da mitologia no mundo da fábula é algo tomado como verdadeiro, e os mitos são poemas que, segundo sua natureza, reivindicaram realidade. Schlegel descreve que o ponto fundamental do espírito

humano é a fantasia como a capacidade originária do homem dar realidade ao mundo exterior, e que, o contrário dessa força originária, é a capacidade artística da fantasia, pois se torna consciente e conduz algo com um propósito. Segundo o poeta, os gregos antigos eram fantasiosos por não ter ainda ocorrido uma separação pura entre a fantasia e o entendimento como forças opostas, ou seja, a força central do mito está na força da verdade, pois o conhecimento como alvo e descrição do mundo deixam de ser representação, e sim mediação de força que concede realidade e fantasia: "O homem permanece para si mesmo sempre o ponto central de tudo, de onde ele deve partir e para onde ele tem de retornar de novo" (SCHLEGEL, 2013, p. 283).

As divindades antigas não eram de nenhuma forma incorporações de conceitos separados e exaustivos, mas, voltando a Schlegel, correspondiam a massas plenas da intuição onde a consideração da natureza e da vida eram unidas e indissolúveis, ou seja, ao mesmo tempo que possuem "validade universal de ideia", são também a presença viva de indivíduos.

Segundo Schelling (1775-1854), o *Prometeu* de Ésquilo é o verdadeiro protótipo da Tragédia, ou seja, o maior protótipo do caráter humano. Contudo, vale deixar claras a sutileza e importância da tragédia na concepção estética de todo um período da antiguidade, principalmente no que concerne à vestimenta: se não existia uma moda na época, por outro lado existia toda uma concepção de hábito do vestuário.

A tragédia era uma espécie de modelo universal do indivíduo superior: "A essência da genuína tragédia esquiliana e sofocliana está inteiramente fundada naquela moralidade superior que era o espírito e a vida de sua época e de sua cidade" (SCHELLING, 2001, p.328). Quando se representava a figura do grego e sua vestimenta, a importância do indivíduo ideal estava expressa tal qual sua atividade, "a grandeza dos antigos consiste precisamente na elevada compreensão que tinham do que faziam", ou seja, a representação do espírito do grego era retratada como um todo como Alexandre.

O amor pelas formas livres e belas eram os traços dominantes do caráter nacional grego (HEGEL, 2005, p.416). Isso representava o imediatismo da contemplação do humano: "o corporal como um atributo humano penetrado de espiritualidade, e apreciar acima de tudo a forma humana, como a mais livre e a mais bela" (HEGEL, 2005, p. 416). Os gregos ao mesmo tempo em que mostravam certo cuidado ao se vestir na vida cotidiana, sentiam-se honrados ao lutar totalmente despidos. Então, contrariamente, a modernidade e sua velocidade tanto no fazer quanto no pensar algo em si, mostra a vulgarização do vestir como o contrário do mostrar-se com exatidão aquilo que é. Na antiguidade a visão imediata no vivenciar as formas, está em detrimento à modernidade que dissimula a importância da força do real, da ação individual, ao retratar a velocidade e a força no exterior por meio de adornos. O que trairia a visão da tragédia grega seria a forma exterior separada da ação, do sentimento do drama como um todo. O 'pregueado livre' mostra a leveza da liberdade:

"(...) as outras partes do vestuário antigo caem igualmente com uma liberdade relativa, e o que justamente lhe dá o seu caráter artístico, é que nada nelas é forçado e artificial, que a forma não foi imposta por uma sujeição ou uma necessidade exterior, mas resulta unicamente da atitude, a qual tem o seu ponto partida no espírito" (HEGEL, 2005, p. 418).

Na concepção da estética do 'pregueado livre' diz respeito ao estilo que o criador deveria tomar como ponto de partida nos dias atuais, que a relação entre o fazer como processo e a concepção estejam alinhados no desejo do homem "num grau elevado de desenvolvimento ético e a necessidade de visualizar no mundo dos deuses não meramente uma cópia da vida, e sim um reflexo mais elevado de sua própria existência" (SCHLEGEL, 1963, p. 290).

"O preguado livre" tem essa força que prima pela liberdade e movimento, isso quer dizer que os gregos davam a visão concreta que revela o aspecto eterno, porque a arte grega revela a ideia grega, isso quer dizer a espécie grega de humanidade

antes de uma imagem embasada no pensamento intelectual é justamente essa ideia de humanidade e a ideia chave da vestimenta do drama de *Ésquilo* que Nietzsche quis mostrar: o fazer artístico no desenvolvimento da obra enquanto processo ou enquanto a obra em si. Indo mais longe, a ideia de estilo clássico seria justamente a força da tragédia grega na permanência do tempo, uma espécie grega de humanidade que se revela mais essencial no aparecimento do pregueado livre no drama grego, como se a satisfação última do espírito, o intervalo de repouso absoluto na concepção clássica do termo como estilo originário no qual perdura até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES

A importância da moda no estudo da estética se dá na necessidade do aprimoramento da visão da moda sob um viés mais crítico e cultural. Nietzsche, sendo ele mesmo o filósofo da cultura, aparece e atualiza a concepção da vestimenta como fenômeno cultural o qual no presente estudo aproximou-se à ideia de estética sob a ótica do artista criador, ou seja, o criador de moda seria alguém que consegue conectar várias áreas de conhecimento: moda, arte, filosofia, sem perder a originalidade do seu próprio meio de expressão de ideias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHIMOL, Márcio. *Apolo e Dionísio: arte filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche*. São Paulo: Annablume. 2003.

DUFRENNE, Mikel. *Estética e Filosofia*. (Trad.: Roberto Figurelli). São Paulo: Editora Perspectiva. 2008.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica da Obra de Arte*. (Trad. Marco Antonio Casanova). São Paulo: Martins Fontes. 2010.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Estética*. (Trad. Álvaro Ribeiro – Orlando Vitorino).

Lisboa: Guimarães Editores. 1993.

_____. *A Origem da Obra de Arte*. (Trad.: Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro). São Paulo: Biblioteca de Filosofia Contemporânea. 2010.

KESSLER, Michael. *L'esthétique de Nietzsche*. Paris.: Presses Universitaires de France. 1998.

_____. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. (Trad.: Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. *A Visão dionisíaca do Mundo*. (Trad.: Marcos Sinésio Fernandes- Maria Cristina dos Santos Pereira de Souza). São Paulo: Martins Fonte. 2005.

_____. *A Vontade de Poder*. (Trad.: Marcos Sinésio Pereira Fernandes, Francisco José Dias de Moraes). Rio de Janeiro: Contraponto. 2008.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos, ou Como se filosofa com o martelo*. (Trad.: Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das letras, 4ª edição. 2006.

_____. *Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. (Trad.: Mário da Silva). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2010.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. (Trad.: J. Guinsburg). São Paulo: Companhia das Letras. 2007.

SCHLEGEL, F. A. *Die Kunstlere*, Stuttgart, Kohlhammer.(Trad.: Marc Géraud e Marc Jimenez), Paris: Klincksiedck. 2009.

SVENDSEN, L. *Moda Uma Filosofia*. (Trad. Maria Luiza X. de A. Borges). Rio de Janeiro: Zahar. 2010

Recebido em 30/05/2014

Aceito em 01/09/2014